

A ELABORAÇÃO DE DICIONÁRIOS DE REGIONALISMOS: UMA ANÁLISE DO “DICIONÁRIO DO BRASIL CENTRAL – SUBSÍDIOS À FILOGIA” (2009)

Rayne Mesquita de Rezende (UFG/Regional Catalão)
Maria Helena de Paula (UFG/Regional Catalão)

Resumo: No presente artigo, demonstraremos os resultados obtidos através da pesquisa que investigou a partir dos pressupostos teórico-metodológicos da lexicografia e da metalexicografia, quais são os parâmetros empregados para a produção dos acervos lexicográficos que têm como foco o registro das unidades lexicais recorrentes especificamente no âmbito regional. Para tanto, utilizamos como *corpus* para a análise dos quesitos macro e microestrutural duma obra lexicográfica de teor regionalista, o “Dicionário do Brasil Central-subsídios à Filologia”, segunda edição, essencialmente na versão eletrônica, da autoria de Waldomiro Bariani Ortêncio (2009).

Palavras-chave: Metalexicografia, Regionalismos, “Dicionário do Brasil Central – subsídios a Filologia” (2009).

Abstract: In this article we will demonstrate the results obtained through research that investigated from the theoretical and methodological assumptions of lexicography and metalexicography, what are the parameters employed for the production of lexicographical collections that focus on the registration of lexical units recurrent specifically in the regional scope. For this we utilize as *corpus* for the analysis of the macro and microstructural questions of a lexicographical work of content regionalist, the “Dictionary of Central Brazil-subsidies Philology”, second edition, mainly in the electronic version, authored by Waldomiro Bariani Ortêncio (2009).

Key-words: Metalexicography, Regionalism, “Dictionary of Central Brazil-susidies Philology” (2009).

1. OS PRODUTOS LEXICOGRÁFICOS E O ESTUDO DOS REGIONALISMOS EM NÍVEL LEXICAL

A constituição de uma obra lexicográfica implica uma série de pormenores, que abarcam desde a constituição de seu *corpus* de referência, de onde provêm os dados que, posteriormente, formarão a sua macroestrutura e microestrutura, ao viés norteador para o registro dos lexemas de uma língua, as teorias linguísticas que fornecerão subsídio para tal perpassando tantos outros detalhes, os quais distinguem os produtos da ciência lexicográfica quanto ao seu arquétipo e à sua função.

No encaicho do objetivo deste estudo, fazer uma investigação acerca dos critérios utilizados como base na elaboração de um repertório lexicográfico de feição regional, utilizamos padrões pautados pela metalexigrafia no que diz respeito a esse processo constitutivo.

Para tal feito, selecionamos como *corpus* o “Dicionário do Brasil Central - subsídios á Filologia” de Ortêncio (2009), doravante DBC, na sua segunda edição, em que observamos principalmente a versão eletrônica, devido à maior facilidade de manuseio.

A escolha dessa obra como material de observação deu-se pelo fato de esta ir ao encontro de nossa proposição,

a de analisar os percursos metodológicos supostamente empregados na confecção de um acervo lexicográfico que registra a variação diatópica da língua, nesse caso, os regionalismos do Centro-Oeste brasileiro, dentre os quais figuram em destaque os recorrentes no estado de Goiás.

Outro aspecto que carece de destaque é o conceito de regionalismo que fomentou o estudo. A esse respeito, Biderman (2001) assevera que, no Brasil, pode ser definido como regionalismo qualquer fato linguístico (palavra, expressão ou sentido) peculiar a uma variedade regional, exceto as recorrentes no eixo linguístico Rio/São Paulo, que são as variedades consideradas como português brasileiro padrão.

Destacamos, ainda, que a análise da variação diatópica lexical através de um dicionário permite identificar as características desse tipo de produção, ainda que, segundo Isquierdo (2007, p.196), as produções lexicográficas regionais no Brasil documentem “[...] recortes significativos do vocabulário regional, em sua maioria, pecam pela falta de rigor científico [...]”.

As fases que engendraram o nosso percurso metodológico alicerçaram-se em: (i) leituras para a fundamentação teórica sobre as ciências do léxico, em especial a lexicografia e a metalexicografia, para a compreensão das etapas

imprescindíveis na feitura de repertórios lexicográficos, sejam de categoria geral ou parcial; (ii) observação acurada do DBC em suas configurações externa e interna, principalmente na versão digital, embora em alguns momentos tenhamos recorrido à versão impressa para sanar algumas dúvidas; (iii) análise dos dados, de acordo os pressupostos teórico-metodológicos que guiaram a pesquisa.

2. UM OLHAR SOBRE DBC (2009): QUESTÕES PARA O REGISTRO DO LÉXICO EM ACERVOS DE CUNHO REGIONALISTA

Discorreremos doravante sobre como estão organizados os elementos da macro e da microestrutura do DBC. Começamos a observação do DBC por sua **macroestrutura** que, segundo Biderman (2001), deve ser a primeira preocupação ao se produzir um dicionário, pois consiste na determinação do tamanho e da tipologia do dicionário de acordo com a sua proposta lexicográfica, delimitada segundo o público alvo de usuários.

Antes de adentrarmos na descrição dos elementos que integram a macroestrutura do DBC, trataremos de sua classificação tipológica. Para tanto, adotamos a classificação postulada por Silva (2007) que, baseada nos pressupostos teóricos de Haensch (1982), organizou um esquema tipológico e terminológico dos

dicionários, segundo a qual, em oposição à enciclopédia, estes repertórios lexicográficos são agrupados em onomasiológicos (analógico, ideológico, temático) e semasiológicos, dentre ao quais figuram as subdivisões:

- a) **dicionários gerais** (monolíngues – *thesaurus* ou geral, padrão, escolar, básico, de frequência, etimológico, de usos; plurilíngues – bilíngue, multilíngue);
- b) **dicionários parciais** (diatópico, diastrático e diafásico);
- c) **dicionários especializados** (diatécnico);

Tendo em vista esta subdivisão, classificamos o DBC como um dicionário parcial semasiológico, visto que parte do signo (lema/entrada) para a definição (significado/sentido), nas lições de Miranda (2007).

No modo eletrônico, ao abrirmos o aplicativo do dicionário, temos na parte superior situado na horizontal uma barra de tarefas, que traz do lado esquerdo uma caixa de pesquisa, a qual, ao se digitarem os verbetes, direciona para uma das formas de busca possíveis do DBC.

Posteriormente, no mesmo alinhamento, estão dispostas na sequência descrita as seções:

- a) **ajuda**, que apresenta as instruções das duas maneiras de busca possíveis do DBC;

- b) **guia do leitor**, que traz uma explicação enumerada por tópicos da estrutura do verbete, das abreviaturas, da ortografia e dos sinais diacríticos distribuídos ao longo do DBC;
- c) **ficha técnica**, seção onde constam os dados referentes à edição e à publicação do DBC (ano, cidade e corpo editorial responsável);
- d) **bibliografia**, que consiste numa listagem das obras consultadas, variando entre romances, outros dicionários e enciclopédias;
- e) **autores consultados**, onde elenca-se a lista dos autores consultados para o feitiço do DBC.

Abaixo, na lateral esquerda da tela estão elencados verticalmente os lemas que compõem a nomenclatura do dicionário. À direita, ao se clicar sobre um dos lemas, surgem as acepções do item lexical selecionado. Tem-se, ainda, como opção de busca para os lemas e suas respectivas definições uma barra na parte inferior do dicionário contendo as letras do alfabeto que, quando selecionadas, direcionam para as unidades que começam com a letra em questão.

Posteriormente à consulta da cada uma das seções, não pudemos encontrar algumas informações referentes ao DBC no modo eletrônico e por esse motivo buscamos-las na forma

impressa. Além das supracitadas, que estão igualmente descritas em ambas as versões, o modo impresso contém as subdivisões de “Apresentação”, “Apresentação à primeira edição” e “Explicações prévias”.

A “Apresentação” traz os acréscimos e reformulações realizados no DBC edição de 2009 em relação à primeira edição, de 1983, na sua nomenclatura e estruturação dos verbetes. Nesse segmento, está relatada a quantidade de verbetes, cerca de nove mil, e de definições, que se aproximam de vinte mil, após as inclusões na nova edição.

Encontram-se, ainda, informações sobre a composição do *corpus* de referência do DBC, bem como algumas inserções. Originalmente, fora constituído por obras de gêneros diversos, que datam desde o Século XIX (escritos de Taunay e Saint-Hilaire, por exemplo); na reedição, somaram-se textos de periódicos e livros de 1966 ao ano de 2009.

O recorte sincrônico da língua está bem delineado pois, para a composição do banco de dados de onde se extraiu a nomenclatura, consideraram textos do Século XIX ao início do XXI, totalizando-se cerca de duzentos anos. Em relação às modalidades registradas, afiguram dados de ordem oral e escrita, coloquial e culta, literária rural e urbana, embora nessas duas últimas não tenha sido explícita a distinção.

O tópico “Apresentação” sintetiza-se em sua intenção com as afirmações de que:

[...] estamos aqui não diante de simples dicionário, obra de consulta apenas. Não, a estrutura deste dicionário o habilita a constituir-se em obra de leitura, em verdadeira fonte de informação cultural e referência para quantos se interessem pelas coisas desse imenso Brasil Central. Lendas, descrições de festas, danças e folguedos, ao lado de sinônimos e expressões idiomáticas, incluindo jargões das atividades típicas da região – garimpo, pecuária, agricultura – mas, também frutas, bichos ou culinária, são algumas das características que tornam este dicionário obra merecedora de leitura, de um folhear que permite a redescoberta de uma cultura ainda pouco conhecida dos próprios brasileiros. Completam a obra nomes geográficos da região, em especial de Goiás e do Tocantins, com todas as suas cidades e gentílicos (UNES, 2009, p. 7).

Constatamos nessa seção, considerada por nós a **proposta lexicográfica** do DBC, que seu intento não é ser apenas um dicionário de consulta comum, mas propiciar uma leitura mais detida, o que faz dele uma fonte de informação e cultura.

Esse foi o primeiro ponto que nos chamou atenção, haja vista que a função primordial do dicionário é a de esclarecer com eficácia e brevidade as dúvidas do consulente.

Informações muito específicas em relação à cultura de um *locus* ou grupo qualquer não são exatamente da alçada dos dicionários, mas das enciclopédias. Coelho (2008, p. 26) pondera que por esse motivo, o DBC “[...] além de se propor um dicionário regional, descamba para um enciclopedismo, a tratar também de usos e costumes, folclore e toponímia dos municípios goianos”.

Já na seção “Apresentação à primeira edição” é traçada uma espécie de percurso dos fatos que levaram Waldomiro Bariani Ortêncio à elaboração do DBC na primeira edição (1983). Consta aqui que o interesse de Ortêncio em inventariar as expressões e modismos característicos do Brasil Central nasceu com suas produções literárias de onde, posteriormente, surgiu o desejo de elencar em um dicionário usos recorrentes entre os integrantes da comunidade linguística mencionada.

Ortêncio faz questão de esclarecer que não é filólogo ou linguista, o que de acordo com Pacheco¹ (2009, p.17), o “[...] descompromissa das precisões técnicas por mais elementares que sejam [...]” e que o dicionário representa para Bariani Ortêncio material bruto a ser corrigido e melhorado por especialistas, uma vez que o seu intuito é

1 Altamiro M. Pacheco foi membro da Academia Goiana da Letras e, em conjunto com outros colegas de academia, redigiu esta apresentação para o “Dicionário do Brasil Central - subsídios à Filologia”, na primeira edição.

de puramente registrar os lexemas que não figuram nos dicionários de língua portuguesa do Brasil.

Redigido por Waldomiro Bariani Ortêncio, o tópico “Explicações prévias” disserta sobre a quais campos pertencem os itens lexicais descritos no DBC: provérbios populares, medicina caseira, culinária goiana, frases de para-choques de caminhões, nomes de plantas, destacando, ainda, a inserção de topônimos de Goiás e Tocantins. O mesmo pondera que “Não se cuidou de técnicas próprias dos dicionaristas, havendo assim, talvez, muitas falhas nessa parte” (ORTÊNCIO, 2009, p. 19).

A área a ser recoberta pelo DBC não é claramente delimitada. Nesse aspecto notamos uma incoerência ou ausência de clareza. A julgarmos por seu título “Dicionário do Brasil Central”, somos levados a crer que se trata de um registro de regionalismos do Centro-Oeste, que compreende os estados do Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Goiás; na verdade, porém, conforme as informações da “Apresentação”, se inserem nele unidades lexicais recorrentes no Triângulo Mineiro, Distrito Federal, oeste baiano e Tocantins.

Compreendemos que a divisão dialetal não é tarefa fácil e implica uma série de fatores, uma vez que processos migratórios interferem na configuração linguística de uma

região. Delimitar um signo ou seu significado/sentido corrente como restrito a uma comunidade demanda, antes de tudo, a seleção do lugar de que se pretende fazer o registro das esperadas peculiaridades linguísticas, bem como o termo e o conceito de regional.

De acordo com Isquerdo (2006), se partirmos de uma divisão antropológica, conforme a apresentada por Ribeiro (1997), temos também cinco regiões, porém com uma nomenclatura e respaldo para a subdivisão diferente do geográfico. Ribeiro (1997) leva em conta matizes étnicos e processos civilizatórios, os quais respondem pela subdivisão do território brasileiro em Brasil Crioulo, Brasil Caboclo, Brasil Sertanejo, Brasil Caipira e Brasil Sulino.

Ainda consoante Isquerdo (2006), destacamos que se o critério eleito para a definição de regional for o linguístico é em Nascentes (1953) que encontramos uma divisão dialetal do Brasil, atualmente ainda respaldando muitos estudos sobre a variante brasileira do português.

Nascentes (1953, *apud* por Isquerdo, 2006) “repartiu” dialetalmente o Brasil em dois grandes grupos: o primeiro engloba dois subfalares - região Norte (subfalares amazônico e nordestino) e o segundo, quatro - região Sul (subfalares baiano, fluminense, mineiro e o sulista).

A análise vem evidenciando, como se nota, um dos fatores fundamentais por nós sublinhado e, de certa forma, declarado na descrição do DBC na seção “Explicações prévias”, a falta do respaldo de uma teoria linguística assente, o que interferiu de modo perceptível na organização microestrutural e na clareza das definições apresentadas no referido dicionário.

Para a descrição² da microestrutura do DBC, examinamos os artigos lexicográficos nos quesitos lematização, forma e disposição da sua acepção, a exemplificação e/ou abonação.

É justamente na parte microestrutural do DBC que se encontram as dissonâncias. No tocante aos procedimentos teórico-metodológicos da ciência lexicográfica, percebemos em quantidade considerável de verbetes problemas como o não discernimento para a lematização de lexias compostas, as complexas e fraseologismos como, por exemplo, nos verbetes “a-que-matou- o-guarda” e “pestanda”.

Os verbetes a seguir, ilustram as explicações ulteriores acerca da organização da microestrutura do DBC. Vejam-se:

² Cabe salientar que foi feita uma observação das características genéricas recorrentes na forma dos verbetes, sem um detalhamento muito pormenorizado que permita decisivas e específicas classificações, não permitindo, por isso, a quantificação de dados.

Verbetes	Acepção
agachar-se	Humilhar-se.
a-que-matou-o guarda	“Entre as gentes, ninguém mais fala cachaça. A-que-matou-o-guarda tem hoje montoeiras de nomes, tantos e tão expressivos, que confundem e endoidecem os dicionaristas.” C. Bernardes, OP, 30.3.1975.
batatinha-do-campo	Planta medicinal: “Nada como a batatinha-do-campo para desinflamar.” R. Fleury, SM, 286.
Catalão	Município goiano. Gentílico: catalano. Toponímia: em homenagem a um dos filhos da Catalunha que se fixou na região. Início do povoamento: 1722-1723, pela bandeira do desbravador Anhanguera. Primeiro nome: Nossa Senhora Mãe de Deus.
duvi-dê-ó-dó	Duvido muito: “... Dá cambalhotas como um atleta das Olimpíadas. Assovia tão fino e agudo como o saci... Será que alguém consegue chegar perto e fazer isso? Duvi-dê-ó-dó.” OP, 4.7.1993.
lorotagem	Mentirada; conversa fiada: “A lorotagem e o vaivém ao xadrez afeiçoaram-me ao pobre-diabo.” H. Borges, CT, 142.

mal-casado	<p>1 Diz-se daquele que vive mal com seu cômjuge: Fulano está com o filho malcasado.</p> <p>2 Amasiado: “Houve até quem lembrasse, para depois, do ajuntamento, uma representação das famílias ao governo contra a permanência de uma malcasada na diretoria do grupo escolar.” F. Britto, M, 52</p>
pestanda	<ul style="list-style-type: none"> • não pregar a pestana Não conseguir dormir: Essa noite não preguei a pestana. • queimar as pestanas Estudar muito à noite, com luz deficiente: “Aí é que se forjou o autodidata, que queimava as pestanas à luz do candieiro, preparando as lições do dia seguinte.” B. Reis, PME, 147 • tirar uma pestana Tirar uma soneca.
quirela	<p>1 Sobra do arroz beneficiado. 2 Milho triturado e especial para cevar os peixes. 3 Dinheiro miúdo. 4 No garimpo, substância pulverizada, que não passa pelas malhas da peneira (GB, 428) • sopa de quirela V. receita em B. Ortêncio, CG, 223.</p>
Rio da Conceição	<p>Município tocantinense. Gentílico: conceiçãoense. Início do povoamento: por volta de 1915. Fundador: Antônio Pedro de Carvalho.</p>

trambiqueiro	“Com a demissão desse pessoal, advertem os dois, ‘o governo estará criando uma quadrilha de trambiqueiros, porque todos conhecem tudo sobre a fiscalização e facilmente poderão ajudar os contribuintes a sonegar impostos.’” DM, 8.6.1984.
vila-boense	Da cidade de Goiás (GO). 2 De Vila Boa (GO).

Quadro I – Verbetes retirados do “Dicionário do Brasil Central – subsídios à Filologia” versão eletrônica, edição de 2009.

Dentre as unidades lexicais que constituem os lemas do DBC, há lexias simples e complexas e alguns fraseologismos, bem como alguns verbos flexionados.

As lexias simples, em sua maioria, designam ações, objetos, práticas culturais e por vezes os gentílicos relativos às cidades de Goiás e Tocantins. Os verbos flexionados enquadram-se dentro dessa categoria. No caso das lexias complexas, constatamos que seguem a mesma linha, embora seja em maior proporção a quantidade de topônimos e gentílicos que essas denominam.

As entradas são grafadas em letras minúsculas, exceto os topônimos e nomes que designam referentes de valor social e histórico, grafados com a inicial maiúscula distinguindo nomes próprios e comuns. Nesta descrição, encontram-se

os itens **Cavalhadas**, festa secular que acontece anualmente na cidade de Pirenópolis-GO e reproduz, por meio de encenação, a luta entre os mouros e cristãos frequentes na época das cruzadas, ou **Caiadismo**, período em que a família Caiado exerceu domínio político em Goiás.

Quanto aos fraseologismos, observamos que se tratam em grande parte de ditos populares, ou certas vezes de metáforas para falar de um objeto ou atividade comum ao Centro-oeste.

A expressão “não pregar a pestana” aparece como uma subentrada do lema pestana, o que parece ser mais adequado, pois advém da lexia principal que a compõe, uma vez que “A tradição lexical portuguesa é a de dar guarida a tais lexias complexas no verbete da palavra chave ou principal” (BIDERMAN, 2001, p. 142).

Em “a-que-matou-o-guarda” nota-se uma confusão para a inserção desse tipo de fraseologismo como lema, tanto do ponto de vista lexicológico como do gramatical. Não se trata de um nome composto por mais de um lexema, e sim de uma expressão. Eis, então, a questão: por que a separação das lexias com ou sem uso do hífen?

As formas das acepções variam. No caso de o lema ter mais de uma acepção, estas por vezes são enumeradas seguindo a ordem de recorrência, indo do significado mais

frequente até o menos usual. Se for registrada apenas uma acepção, geralmente não há enumeração.

Figuram ainda no DBC verbetes que não são definidos, mas apenas abonados. Ortêncio (2009) justifica esse proceder, por acreditar que somente as abonações seriam o suficiente para definir a entrada em questão.

Depreendemos que a maior lacuna de um inventário de itens lexicais que se proponha a ser um dicionário, e que ocorre frequentemente no DBC (2009), é a ausência da definição em alguns dos verbetes, sendo substituída por exemplos ou, em grande parte das vezes, por abonações retiradas de textos literários, porquanto “A pedra de toque de um dicionário é a definição da palavra-entrada” (BIDERMAN, 1984, p.10). Rememoramos aqui, a título de exemplo, o verbe “trambiqueiro³”.

No que tange à exemplificação ou à abonação, esses dois elementos não constam em todos os artigos lexicográficos. Os verbetes que são abonados, com trechos de textos literários, jornalísticos ou de outro gênero são colocados em fonte menor, entre aspas e seguidos da referência de onde foram extraídos. Já os que trazem exemplos criados pelo autor do DBC, também são dispostos em fonte menor, porém sem as aspas.

3 Veja-se no quadro de verbetes.

O acréscimo de topônimos não chega a ser exatamente o grande problema do DBC, pois as unidades lexicais que denominam os lugares não deixam também de ser nomes. O inconveniente, assim como acontece nos dicionários gerais e no DCB, é saber qual o critério orienta a inserção desses topônimos. Foram selecionados apenas nomes de cidades, estados, ou de rios, pontos turísticos, instituições?

Neste caso, especialmente, o que ocorre de dissonante é o inventário dos topônimos somente dos estados de Goiás e Tocantins. Se o DBC intentou registrar o vocabulário que diz respeito ao Brasil Central, o que motiva a exclusão do Mato Grosso e Mato Grosso do Sul? Ainda que Ortêncio (2009) tenha adotado uma subdivisão que não tenha sido a geográfica, justificando a inclusão do Tocantins, não existe nenhuma subdivisão dialetal, geográfica ou linguística que justifique a ausência daqueles dois estados que, como se sabe, historicamente fazem parte da mesma rota de povoamento, desenvolvimento linguístico e sociocultural.

A respeito de todas essas problemáticas detectadas no BDC (2009), encontramos nos estudos realizados por Isquierdo (2007, p.196) o que acreditamos ser a causa mais plausível para tal:

No âmbito da lexicografia regional, é preciso considerar que os dicionários/

vocabulários regionais sobre o léxico em uso nas diferentes regiões brasileiras, apesar de documentarem recortes significativos do vocabulário regional, em sua maioria pecam pela falta de rigor científico, por serem muitos deles produzidos por curiosos sem critérios confiáveis.

As considerações aqui empreendidas têm o intuito de fazer conhecer o único dicionário que se propôs a registrar hábitos linguísticos do Centro-Oeste brasileiro. Por esta razão, o trabalho de Ortêncio (2009) e de sua equipe é digno de reconhecimento e valor, visto que não existe, a menos que desconheçamos, alguma obra de caráter semelhante ao DBC.

Reafirmamos que, em que pese reconhecer o mérito do dicionário em análise, as incongruências mais significativas dizem respeito à metodologia e a procedimentos práticos no fabrico de dicionários, que não se restringem a uma simples lista de palavras e seus significados.

Para a construção deste importante expediente linguístico e cultural, devem-se levar em conta fatores como a proposta lexicográfica, a tipologia, o banco de dados de onde serão extraídos os verbetes e qual será a estratégia de organização desses últimos. Salientamos, por fim, concorde a Isquerdo (2004), que um dicionário parcial quando elaborado dentro

dos padrões postulados pela ciência lexicográfica, se torna representante da norma lexical regional vigente.

PALAVRAS FINAIS

Ao longo desse trabalho, expusemos os principais resultados advindos da pesquisa em que objetivamos, para além da análise das lacunas contidas no DBC passíveis de se ocorrerem em obras lexicográficas da envergadura do dicionário em análise, demonstrar os pormenores que subjazem à confecção de um instrumento lexicográfico com enfoque parcial, no caso regional.

Para tanto, fez-se necessária a exposição detalhada tanto do *corpus* como dos pressupostos teórico-metodológicos, aos quais nos referimos porque, em um trabalho dessa natureza, a teoria determina, conseqüentemente, a organização dos elementos componentes de um dicionário.

Desse modo, alcançamos o objetivo do estudo, apontar os parâmetros empregados pela ciência lexicográfica através de suas duas faces (lexicografia e metalexigrafia) para a elaboração de seus acervos que, mais do que registrar as palavras, inscrevem em si todo um universo que por elas é designado, seja no âmbito dos vocábulos de significação basilar da língua, ou naqueles que adquirem, graças a uma gama de questões culturais, linguísticas, regionais e temporais, novos contornos e sentidos.

REFERÊNCIAS

- BIDERMAN, M.T.C. (1984) *A ciência da Lexicografia. Alfa*. São Paulo, 28(42), 1-26.
- BIDERMAN, M.T.C. (2001) “Os dicionários na contemporaneidade: arquiteturas, métodos e técnicas”. In OLIVEIRA, A. M. P. P. de & ISQUERDO, A. N. (Org.), *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia* (131-144). Campo Grande: EDUFMS.
- COELHO, B. J. (2008). “Dicionários – estrutura e tipologia”. *Linguagem – Lexicologia e Ensino de Português* (13-43). Catalão: Modelo.
- ISQUERDO, A. N.(2006). *Achegas para a discussão do conceito de regionalismos no português do Brasil. Alfa*, São Paulo, 50(2), 9-24.
- ISQUERDO, A. N.(2007). “A propósito de dicionários de regionalismos do português do Brasil”. In ALVES, I. M. & ISQUERDO, A. N.(Org.) *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia* (283-293). Campo Grande: EDUFMS; São Paulo: Humanitas.
- HAENSCH, G. (1982) “Tipología de las obras lexicográficas”. In HAENSCH, G.; WOLF, L.; ETTINGER, S. & WERNER, R. *La Lexicografía – de la lingüística teórica a la lexicografía práctica* (95-187) Madrid: Editorial Gredos.
- MIRANDA, F. B.(2007) O que é macroestrutura no dicionário de língua? In ALVES, I. M. & ISQUERDO, A. N. (Org.) *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia* (261- 272). Campo Grande: EDUFMS; São Paulo: Humanitas.
- NASCENTES, A. (1953) *O linguajar carioca*. (2. ed.) Rio de Janeiro: Organização Simões.
- ORTÊNCIO, W. B.(2009) *Dicionário do Brasil Central – subsídios à Filologia*. (2ed.). Goiânia: Kelps.
- PACHECO, A. M. (2009). “Apresentação à primeira edição”. In ORTÊNCIO, W. B. *Dicionário do Brasil Central – subsídios à Filologia*. Goiânia: Kelps.
- RIBEIRO, D. (2008). O Brasil caipira. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil* (3. ed.) (364-407). São Paulo: Companhia das Letras.
- SILVA, M. C. P. Para uma tipologia geral de obras lexicográficas. In ALVES, I.

M. & ISQUERDO, A. N. (Org.) *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia* (193-208). Campo Grande: EDUFMS; São Paulo: Humanitas.

Rayne Mesquita de Rezende é mestranda em Estudos da Linguagem, pela UFG/Regional Catalão, sob os auspícios da CAPES; graduada em Letras – Português/Inglês (2014) e membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em História do Português (CNPq/UFG). Contato: raynemesquita@hotmail.com

Maria Helena de Paula é doutora em Linguística e Língua Portuguesa pela UNESP/Araraquara (2007), docente permanente do Mestrado em Estudos da Linguagem, na UFG/Regional Catalão. Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em História do Português (CNPq/UFG) e da Rede Goiana de Estudos e Pesquisas Língua(gem), Memória e Cultura. Contato: mhpcat@gmail.com

*Recebido em 26 de junho de 2014.
Aprovado em 23 de setembro de 2014.*